

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGRONEGÓCIO
CAMPUS DOM PEDRITO**

RODOLFO MOTTA COSTA

**AGRICULTURA FAMILIAR E CADEIAS CURTAS: DINÂMICAS ECONÔMICAS,
SOCIAIS E CULTURAIS NA FEIRA LIVRE COMUNITÁRIA DE DOM PEDRITO, RS.**

Dom Pedrito

2017

RODOLFO MOTTA COSTA

**AGRICULTURA FAMILIAR E CADEIAS CURTAS: DINÂMICAS ECONÔMICAS,
SOCIAIS E CULTURAIS NA FEIRA LIVRE COMUNITÁRIA DE DOM PEDRITO, RS.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Agronegócio da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Tecnólogo em Agronegócio.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Shirley G. Nascimento Altemburg

Dom Pedrito

2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

C837a Costa, Rodolfo Motta

Agricultura familiar e cadeias curtas: Dinâmicas econômicas, sociais e culturais na feira livre comunitária de Dom Pedrito, RS. / Rodolfo Motta Costa.

52 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação) - Universidade Federal do Pampa, AGRONEGÓCIO, 2017.

"Orientação: Shirley Grazieli Nascimento Altemburg".

1. Produção familiar. 2. Feira livre. 3. Circuitos curtos. 4. Mercados alternativos. 5. Qualidade de vida. I. Título.

RODOLFO MOTTA COSTA

**AGRICULTURA FAMILIAR E CADEIAS CURTAS: DINÂMICAS ECONÔMICAS,
SOCIAIS E CULTURAIS NA FEIRA LIVRE COMUNITÁRIA DE DOM PEDRITO, RS.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Agronegócio da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Tecnólogo em Agronegócio.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 30/06/2017

Banca examinadora:

Prof.^a. Dra. Shirley Grazieli Nascimento Altemburg
Orientadora
UNIPAMPA

Prof. Dr. Claudio Marques Ribeiro
UNIPAMPA

Prof.^a. Dra. Fernanda Novo da Silva
UFPel

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo avaliar a contribuição da feira livre comunitária de Dom Pedrito na condição socioeconômica dos agricultores familiares entrevistados. Sendo assim, por meio de entrevistas realizadas na própria feira entre os meses de abril e maio de 2017 foram entrevistados nove agricultores familiares integrados a feira. A partir do registro das entrevistas e valendo-se da técnica de análise de discurso buscou-se identificar características dos agricultores familiares que fazem parte da feira, os fatores que os motivaram a fazer parte da mesma, bem como, identificar os comercializados por eles e a origem desses produtos. Além disso, analisou-se de que forma a feira representa uma alternativa de acesso ao mercado e escoamento da produção dos agricultores/feirantes entrevistados a ponto de contribuir na manutenção dos gastos e promover melhor qualidade de vida aos mesmos. Dentre os principais resultados aponta-se que foi notável a presença de diversos membros das famílias dos entrevistados trabalhando na feira, pessoas com diferentes características pessoais, entre eles jovens, aposentados, casados, solteiros, etc. Notou-se também que o acesso a feira por parte dos agricultores familiares foi motivado por uma possibilidade de incremento na renda e de fazer parte do ambiente de convivência da feira. A feira representa uma importante alternativa de acesso ao mercado e escoamento dos produtos produzidos pelos agricultores familiares entrevistados, produtos esses que pôde-se constatar serem de produção dos próprios feirantes. Nesse contexto, é notável que a feira livre comunitária de Dom Pedrito tem uma contribuição importante na manutenção dos gastos e acesso a qualidade de vida das famílias dos agricultores familiares/feirantes entrevistados.

Palavras-chave: Mercados alternativos; Produção familiar; Qualidade de vida.

ABSTRACT

The objective of this work was to evaluate the contribution of the Community Free Fair of Dom Pedrito in the socio-economic condition of the family farmers interviewed. Thus, through interviews conducted at the fair between the months of April and May 2017 were interviewed nine family farmers integrated to the fair. From the record of the interviews and the technique of speech analysis sought to identify characteristics of the family farmers who are part of the fair, the factors that motivated them to be part of it, as well as identifying those marketed by them and the origin of these products. Moreover, it was analyzed how the fair represents an alternative to market access and production of farmers/Fairers interviewed to the extent to contribute to maintaining spending and promoting better quality of life for them. Among the main results it is noted that the presence of several members of the families of the respondents working at the fair, people with different personal characteristics, among them young, retired, married, singles, etc. It was also noted that access to the fair on the part of family farmers was motivated by a possibility of incrementing in income and to be part of the fair's living environment. The fair represents an important alternative to market access and disposal of the products produced by the interviewed family farmers, products that could be found to be production of the fairers themselves. In this context, it is noteworthy that the Community free trade Fair of Dom Pedrito has an important contribution to maintaining spending and accessing the quality of life of families of family farmers/trade fairs interviewed.

Key words: Alternative markets; Familiar production; Quality of life.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Faixa etária dos feirantes	25
Gráfico 2- Gênero dos feirantes	26
Gráfico 3- Estado Civil dos feirantes	27
Gráfico 4- Escolaridade dos feirantes	28

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Composição e mão-de-obra familiar.....	29
Quadro 2 - Características do local onde vivem os feirantes entrevistados.	30
Quadro 3 - Alternativas de mercado acessadas pelos entrevistados antes da feira.	32
Quadro 4 - Trechos das entrevistas que relatam motivos para os agricultores entrevistados acessarem a feira.....	33
Quadro 5 - Trechos das entrevistas sobre a aceitação dos produtos vendidos.	35
Quadro 6 - Trechos das entrevistas relativos a expectativa dos entrevistados quanto ao futuro da feira livre em Dom Pedrito.....	35
Quadro 7 - Produtos comercializados pelos agricultores familiares entrevistados na feira livre comunitária de Dom Pedrito.	37
Quadro 8 - Trechos das entrevistas que demonstram a origem dos produtos que não são de produção própria dos entrevistados.....	38
Quadro 9 – Trechos das entrevistas que relatam contribuições da feira para os agricultores entrevistados.....	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Problema de pesquisa	10
1.2 Objetivos	10
1.3. Justificativa	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 Agricultura familiar	12
2.2 Canais curtos de comercialização	14
2.3 O universo das feiras livres.....	17
3 METODOLOGIA	20
3.1 Delineamento e tipo de pesquisa.....	20
3.2 Unidade de Análise e Objeto de estudo.....	21
3.3 Estratégias de coleta de dados.....	22
3.4 Tratamento e análise dos dados.....	23
4 RESULTADOS	24
4.1 A feira livre comunitária de Dom Pedrito	24
4.2. Conhecendo os protagonistas da Feira Livre comunitária de Dom Pedrito	24
4.2.1 Ocupação, mão-de-obra e composição familiar dos feirantes	28
4.2.2. Os feirantes antes da feira	31
4.3 Motivação para acessar a feira.....	33
4.4 Caracterização dos produtos da agricultura familiar na feira livre comunitária de Dom Pedrito.....	36
4.5 A Feira como acesso ao mercado e qualidade de vida.....	38
4.5.1 Atividades dos feirantes	38
4.5.2. Principal atividade na formação da renda dos feirantes.....	39
4.5.3 A importância da feira para os feirantes	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE – Roteiro de entrevista	50

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu do interesse nos canais de comercialização com maior proximidade entre produtores e consumidores, motivado especialmente pela presença da feira livre comunitária no município de Dom Pedrito. Neste sentido, considerando os mercados de circuito curto e os mercados para a agricultura familiar um assunto pertinente as discussões e reflexões propostas no Curso Superior de Tecnologia em Agronegócio na Universidade Federal do Pampa – Campus Dom Pedrito surgiu a disposição de aproximar-se do universo da feira livre comunitária de Dom Pedrito com o propósito de melhor compreender a feira como um ambiente que agrupa diversas relações econômicas, sociais e culturais e está presente no município a pouco mais de dois anos.

Sobre as feiras livres sabe-se que se apresentam como um canal de comercialização para agricultura familiar¹ local do mesmo modo que permitem a população local o acesso a alimentos de qualidade e identificados com uma determinada região ou cultura, além de contribuírem para a segurança alimentar.

Com relação à segurança alimentar entende-se que a mesma significa,

“garantir, a todos, condições de acesso a alimentos básicos de qualidade, em quantidade suficiente, de modo permanente e sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, com base em práticas alimentares saudáveis, contribuindo, assim, para uma existência digna, em um contexto de desenvolvimento integral da pessoa humana”(CÚPULA MUNDIAL DE ALIMENTAÇÃO, 1996).

De acordo com Maluf (1999) a agricultura familiar insere-se ou está na base dos circuitos regionais de produção, distribuição e consumo de alimentos que se organizam nos centros urbanos. Sendo assim, na medida em que é crescente a preocupação da população com questões como o processo de produção de alimentos, qualidade dos alimentos, questões ambientais e segurança alimentar as feiras livres ganham importância nesse processo e se apresentam como uma

¹ Neste trabalho agricultura familiar é entendida como uma “forma social de produção que se orienta sob uma lógica de funcionamento centrada na busca por assegurar a reprodução social da família rural e satisfazer as necessidades de consumo de seus membros” (ANJOS; CALDAS; HIRAI, 2008, p. 3).

oportunidade para agricultura familiar de inserção no mercado por meio de canais curtos de comercialização.

Segundo Almeida e Michelotti (2009) diversos pesquisadores afirmam e reafirmam o potencial de produção da agricultura familiar, por outra parte, reafirmam que existe um limite econômico para as famílias que surge dos limites de comercialização. Nesse contexto, os canais curtos oferecem aos agricultores um canal de comercialização diferenciado, com contato mais próximo ao consumidor, sem a presença de atravessadores, com maior autonomia na formação de preços e possibilidade de maior rentabilidade na venda de seus produtos.

Sendo assim, essa categoria insere-se em um universo pluriativo². Como afirma Wilkinson, 2008, p.134,

“o mais comum é que a agricultura familiar combine diversos tipos de atividades agrícolas. Assim, podemos ter atividades tipicamente de autoconsumo que são, ao mesmo tempo, objeto de trocas entre vizinhos ou de venda em feiras locais”.

A inserção no mercado é fundamental para o desenvolvimento socioeconômico das famílias rurais, que apesar do caráter tradicional de produção para autoconsumo, tem nas feiras livres a possibilidade de venda dos excedentes e venda da produção voltada ao mercado, que é de grande importância para garantia de qualidade de vida e de condições de reprodução social dos agricultores familiares.

Para dar corpo as discussões acerca da importância das feiras livres buscou-se conhecer as dinâmicas sociais que regem a feira livre comunitária situada no município de Dom Pedrito. A feira teve início em fevereiro de 2015, ocorre as sextas-feiras no centro da cidade próximo a Prefeitura Municipal na praça General Osório, principal praça da cidade e as terças em frente a Universidade Federal do Pampa – Campus Dom Pedrito. A feira livre comunitária em Dom Pedrito se apresenta como uma nova forma dos produtores locais acessarem o mercado, atualmente conta com aproximadamente 30 agricultores com características diversas, diferentes condições econômicas e sociais e com interesses distintos ao acessar a feira livre comunitária.

² Compreende-se a pluriatividade como “uma estratégia da família, com a finalidade de – diversificando suas atividades, fora do estabelecimento – assegurar a reprodução desse e sua permanência como ponto de referência central e de convergência para todos os membros da família” (WANDERLEY, 2003,p.52).

Diante do cenário exposto, propôs-se compreender qual a contribuição da feira livre comunitária de Dom Pedrito na condição socioeconômica dos agricultores familiares que a integram.

1.1 Problema de pesquisa

Em que pese às discussões sobre a comercialização de produtos pela agricultura familiar, existe o limite imposto pelas formas tradicionais de comercialização que se apresentam muitas vezes como um empecilho da possibilidade de escoar a produção desta categoria.

Sendo assim, “a escolha do canal de distribuição para a venda dos produtos, pelos agricultores familiares, passa a ser um dos principais elementos da estratégia de comercialização da produção desta categoria” (COLLA et al., 2008, p.2).

Neste sentido, existem muitas discussões sobre a importância das feiras livres para a comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar. Diversos autores têm se debruçado em mostrar os avanços sociais que essa possibilidade de comercialização traz para as famílias rurais. Com isso mostrou-se relevante entender quais os desdobramentos para as famílias rurais inseridas na feira em relação às dinâmicas econômicas e sociais e culturais.

1.2 Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo geral avaliar a contribuição da feira livre comunitária de Dom Pedrito na condição socioeconômica dos agricultores familiares/feirantes entrevistados.

E como objetivos específicos,

- ✓ Compreender por que parte dos agricultores familiares de Dom Pedrito buscam a feira livre comunitária para comercializar seus produtos;
- ✓ Identificar características pessoais dos agricultores familiares/feirantes entrevistados na feira livre comunitária de Dom Pedrito;
- ✓ Mapear os produtos comercializados pelos agricultores familiares entrevistados na feira livre e a origem desses produtos;

- ✓ Analisar a relevância da feira livre comunitária de Dom Pedrito em proporcionar melhores condições socioeconômicas para os agricultores familiares/feirantes entrevistados.

1.3. Justificativa

O presente trabalho justifica-se frente a importância das questões de gestão e comercialização no universo do agronegócio, principalmente da agricultura familiar, e no rico universo de relações econômicas, sociais e culturais existentes na feira livre comunitária de Dom Pedrito. Questões estas que mostram-se aderente a temática do Curso Superior de Tecnologia em Agronegócio de modo a justificar a proposta de tema deste trabalho.

As estratégias de comercialização são de fundamental importância para qualquer agricultor, principalmente para os agricultores familiares. “No desafio de produzir e comercializar, o agricultor familiar se depara com as exigências das grandes superfícies de varejo. Este fato o obriga a entregar a sua produção a preços que, na maioria das vezes, sequer cobrem os custos de produção” (UNICAFES, 2013, p.13). Diante deste cenário, nota-se que as feiras contribuem para amenizar essa situação, pois “sua presença é um fato marcante no cotidiano das pequenas, médias e grandes cidades brasileiras, malgrado o avanço das grandes superfícies de varejo e de hipermercados” (GODOY, 2005, p.70).

Neste sentido, as feiras livres têm se mostrado uma alternativa de comercialização direta para muitos agricultores familiares, evitando algumas pressões exercidas sobre eles por parte do setor varejista e agroindustrial, quanto a preço, regularidade de oferta e escala de produção. Sabendo que a feira livre comunitária de Dom Pedrito existe a aproximadamente dois anos apenas, pode se considerar a feira como uma oportunidade nova para os agricultores da cidade acessarem o mercado e se aproximarem da comunidade. O que se mostra relevante a ponto de justificar o aprofundamento no tema para melhor entendimento da dinâmica da feira e seus integrantes.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Na seção que segue serão discutidos os referenciais teóricos que dão sustentação a pesquisa. Nele estão contidas as reflexões de alguns autores que respaldam o entendimento sobre agricultura familiar, canais curtos de comercialização e feiras livres.

2.1 Agricultura familiar

A agricultura familiar no Brasil apresenta diferentes concepções, no campo social e no político, sob a ótica política apresenta uma definição usada para delimitação do público para políticas públicas, que conforme Altafin (2007, p.1) promove uma “caracterização geral de um grupo social bastante heterogêneo”. Nesse sentido, optou-se por dar ênfase na pesquisa as reflexões acadêmicas no campo social e das estratégias de inserção no mercado e reprodução dos agricultores familiares.

A agricultura familiar como categoria de estudo, atualmente, conta com a contribuição de diversos autores em diversas análises, a seguir estão os autores e discussões que serviram de base teórica para compreensão da agricultura familiar e suas estratégias.

Dessa forma, destaca-se primeiro a ligação histórica dos camponeses e as feiras livres, com isso iniciam-se as reflexões sobre a relação do campesinato e da agricultura familiar que conforme Wanderley (2003) não pode ser compreendida como um processo simples de transição da condição de exclusão social e econômica para a condição de inserção no mercado e na sociedade, visto que o campesinato tem como características as relações sociais e comerciais mesmo que menos complexas.

Ainda conforme Wanderley (2003), reforçando o dito anteriormente,

“mais do que propriamente uma passagem irreversível e absoluta da condição de camponês tradicional para a de agricultor familiar “moderno”, teríamos que considerar, simultaneamente, pontos de ruptura e elementos de continuidade entre as duas categorias sociais”(WANDERLEY, 2003, p.47).

A partir dessa compreensão e da contribuição de outros autores, observa-se que entre agricultura familiar e campesinato:

o que há de comum entre ambas noções é que trabalho, produção e família formam um conjunto que opera de forma unificada e sistêmica, cultivando organismos vivos e gerenciando processos biológicos por meio das quais busca criar condições materiais que visam garantir sua reprodução enquanto um grupo social (SCHNEIDER; NIEDERLE, 2008, p.992).

Embora apresente semelhanças e um viés de continuidade já expostos aqui, sabe-se que é necessário distinguir o camponês do agricultor familiar, esses grupos sociais apresentam diferenças em suas relações sociais e econômicas conforme afirmam Schneider e Nierderle

O traço fundamental que distingue os agricultores familiares dos camponeses assenta-se no caráter dos vínculos mercantis e das relações sociais que estabelecem à medida que se intensifica e se torna mais complexa a sua inserção na divisão social do trabalho. Ou seja, é o maior envolvimento social, econômico e mercantil que torna o agricultor familiar, ao mesmo tempo, mais integrado e mais dependente em relação à sociedade que lhe engloba (SCHNEIDER; NIEDERLE, 2008, p.994).

Segundo Schneider e Niederle (2008) quase não havia referência a agricultura familiar no Brasil antes da década de 1990, os termos utilizados até então para definir essas categorias eram pequeno produtor, produtor de subsistência ou produtor de baixa renda. No entanto, essas definições se mostravam insuficientes para caracterizar as unidades de produção familiar.

Sabendo disso, as discussões tem prosseguimento com foco nas definições de agricultura familiar sem deixar de considerar a diversidade e heterogeneidade da categoria, pois "o agricultor familiar abarca uma diversidade de formas de fazer agricultura que se diferencia segundo tipos diferentes de famílias, o contexto social, a interação com os diferentes ecossistemas, sua origem histórica, entre outras" (SCHNEIDER; NIEDERLE, 2008, p. 990).

A respeito da agricultura familiar, conforme Schneider (2003), pode ser entendida como um grupo social heterogêneo, onde a força de trabalho predominante é de relação não assalariada exercida pelos membros da família,

tendo na família o ponto central que rege o modo de vida, a organização do trabalho e as tomadas de decisões, mesmo estes inseridos em uma sociedade capitalista.

Já os autores Anjos, Caldas e Hirai (2008, p.3) se referem a agricultura familiar como “forma social de produção que se orienta sob uma lógica de funcionamento centrada na busca por assegurar a reprodução social da família rural e satisfazer as necessidades de consumo de seus membros. ”

A partir do entendimento da agricultura familiar e sua diversidade e heterogeneidade, o trabalho segue com algumas breves reflexões referentes as estratégias de acesso mercado da produção agrícola, principalmente da agricultura familiar.

Conforme Wilkinson (2008, p.16) vê-se que

“podemos identificar pelo menos quatro formas tradicionais de acesso aos mercados: acesso direto, sobretudo no caso do mercado local (informal); intermediação via atravessador; integração com a agroindústria e compras por parte do poder público”.

Ainda neste sentido, porém em uma via mais do acesso aos alimentos produzidos pela agricultura familiar vê-se que

“as formas sociais sob as quais os alimentos são produzidos e ofertados – tipo de exploração agrícola, grau de concentração econômica do processamento agroindustrial e da distribuição comercial, padrões de concorrência nos mercados de alimentos, etc. – também determinam as condições de acesso a eles, e isto por dois motivos. O primeiro porque estruturas concentradas conferem poder de mercado a poucos agentes econômicos, como são as grandes corporações agroalimentares e as redes de supermercados. O segundo motivo prende-se ao fato de estas 2 estruturas dificultarem ou mesmo impedirem a reprodução, em condições dignas, de um amplo conjunto de pequenos e médios empreendimentos rurais e urbanos, constituindo-se num fator gerador de inequidade social e, portanto, de insegurança alimentar” (MALUF, 1999, p.5).

A partir do exposto sobre as formas tradicionais de inserção econômica da agricultura familiar, a próxima seção da maior profundidade aos canais curtos de comercialização, visto que este é o enfoque desta pesquisa.

2.2 Canais curtos de comercialização

Nesta seção inicia-se a discussão sobre os canais curtos de comercialização, para dar sustentação às reflexões usaram-se alguns conceitos pertinentes a

compreensão dos canais curtos. Primeiramente, os sistemas agroalimentares alternativos que segundo Retière (2014, p.25)

“A definição dos sistemas agroalimentares alternativos é ampla e designa tanto iniciativas de valorização do território (selos de garantia de origem) como diferentes formas de venda direta, associações e parcerias entre produtores e consumidores, produção direta pelos consumidores ou ainda estruturas territoriais de abastecimento e distribuição alimentar”.

Dando sequência a discussão, a definição do Ministério da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento de Território (MAMAOT) de Portugal do conceito de circuito curto agroalimentar

“Um modo de comercialização que se efetua ou por venda direta do produtor para o consumidor ou por venda indireta, com a condição de não haver mais de um intermediário. A ele se associa uma proximidade geográfica (concelho e concelhos limítrofes) e relacional entre produtores e consumidores”.

Ainda sobre o circuito curto agroalimentar, Tibério, Baptista e Cristóvão apresentam alguns benefícios que podem ser alcançados por esse modelo:

– Benefícios sociais, o permitirem reforçar a coesão em territórios onde os rendimentos baixos da atividade agrícola favorecem a emigração e proporcionarem aos consumidores produtos frescos e saudáveis, com rastreabilidade;

– Benefícios culturais, ao possibilitarem diversificar a oferta e preservar sistemas tradicionais de produção vegetal e animal, promovendo a coesão das comunidades locais;

– Benefícios económicos, ao proporcionarem valor acrescentado às produções locais e alargarem a gama dos produtos oferecidos e poderem reduzir as necessidades de capital a investir, pois tendem a ser menos intensivos na mecanização das operações culturais e na utilização de agroquímicos;

– Benefícios ambientais, ao viabilizarem uma agricultura menos poluidora (sistemas de produção menos intensivos) e de conservação de recursos. As necessidades de acondicionamento, transporte e refrigeração tendem a ser mais reduzidas e, por conseguinte, a utilização de combustíveis fósseis e as emissões de gases com efeito de estufa tendem a diminuir” (TIBÉRIO; BAPTISTA; CRISTOVÃO, 2013 p.6).

Com isso pode-se observar que os canais curtos são capazes de oferecer benefícios em diversas ordens na sociedade, não somente aos agricultores, mas

também a população de um modo geral, visto que é uma importante alternativa para acesso a alimentos saudáveis e frescos e para garantia da segurança alimentar.

Frente a essas considerações, pode se considerar os canais curtos de comercialização, mais especificamente as feiras, inseridos de alguma forma nesse contexto de sistema agroalimentar alternativo e circuito curto agroalimentar. Os canais curtos são facilmente percebidos como sistemas alternativos, já que não é o sistema de distribuição e comercialização dominante nas cadeias do agronegócio brasileiro. Nesse sentido, Retière (2014, p. 26) afirma que esses circuitos se apresentam "como formas de se contrapor à "convencionalização" da agricultura orgânica e sua tendência de estruturação e concentração em grandes grupos econômicos³".

A partir da compreensão dos conceitos e discussões sobre os canais curtos e frente as formas convencionais de inserção econômica dos agricultores familiares é cada vez mais notório que os mercados diretos de proximidade se apresentam como uma eficiente estratégia de inserção da agricultura familiar. Neste sentido, e amparado no que diz Pierri e Valente (2010 p.1) "apesar dos avanços alcançados em termos de políticas públicas para a agricultura familiar, a persistência de gargalos ao escoamento da produção constitui um dos entraves principais para o seu pleno desenvolvimento".

Outros autores reforçam ainda que,

em uma sociedade globalizada e hegemônica por mercados universalizados e impérios agroalimentares, baseados em altos índices de produtividade e tecnologia, faz-se necessário a busca da construção, por parte do sistema produtivo familiar, de estratégias próprias de comercialização (MICHELOTTI, SOUZA, ALMEIDA, 2010, p.7).

Com base nos referenciais apresentados pode se considerar as feiras livres como uma importante estratégia de inserção no mercado, redução de gargalos no escoamento da produção, melhor condição de comercialização e de manutenção e

³ Cabe dizer que neste trabalho não aprofunda-se as discussões sobre Agroecologia. Todavia, não se desconhece essa vertente teórica científica e é reconhecido que muitas iniciativas atreladas as feiras nascem com a perspectiva de comercializar produtos produzidos agroecologicamente.

reprodução dos agricultores envolvidos, além de promover o reconhecimento dos agricultores por parte da população e impulsionar a economia local. Por isso este trabalho segue com discussões teóricas com enfoque nas feiras livres, principal objeto de estudo dessa pesquisa.

2.3 O universo das feiras livres

Após as reflexões sobre a agricultura familiar e os canais curtos, nesta seção está em discussão as feiras livres, sua relação com a agricultura familiar e suas contribuições em diversas esferas. As feiras livres como forma de troca de mercadorias e interação entre povos refletem uma realidade muito antiga e que persiste até hoje em todo o mundo inclusive no Brasil, conforme Boechat e Santos (2011, p.1) “Uma feira constitui num município um espaço que se caracteriza através de uma função social que muda a organização espacial urbana, e que, atualmente representa uma das mais antigas e resistentes modalidades do comércio varejista”. No caso do Brasil “Desde o tempo da colônia as feiras livres existem, e mesmo com os adventos da modernidade, elas permanecem vivas, sejam em grandes ou pequenas cidades” (BOECHAT; SANTOS, 2011, p.3) adaptando-se as mudanças ocorridas nas dinâmicas econômicas e sociais ao longo dos anos.

Nesse sentido as reflexões iniciam com uma caracterização das feiras livres, conforme Colla et al. (2008, p.11)

“Constitui-se como um formato de varejo tradicional, mas não possui loja física e normalmente ocorre em vias públicas e em dias determinados. A feira livre é um canal que permite o relacionamento direto entre o produtor e o consumidor final. Isso torna possível identificar mais facilmente as necessidades e desejos do consumidor e melhorar os aspectos tanto da produção quanto estruturais”.

No entanto, além desse caráter mercadológico temos ainda que “uma característica peculiar a ser acrescentada é o caráter lúdico intrínseco à feira, que muito além de um espaço de comercialização, constitui-se também em um ambiente de encontros, conversas, articulações e diversão” (SALES; REZENDE; SETTE, 2011, p. 2).

Encontram-se ainda autores que trazem definições mais complexas, levando em conta questões sociais, culturais e econômicas

“As feiras livres constituem-se de uma intrincada teia de relações que configuram um diversificado conjunto de ocupações, fluxos, mercadorias e relações sociais, caracterizando-se primordialmente como uma atividade de trabalho informal essencialmente familiar, onde os envolvidos na operacionalização são geralmente membros da família, gerando por sua vez uma grande demanda de serviços diretos e indiretos como transporte, insumos, embalagens e atendentes” (GODOY; ANJOS, 2007, p.365).

Com isso observa-se que as feiras além de ser um ambiente de comércio apresentam-se como importante ambiente de relações sociais e culturais, apoiado na ideia de que “o consumidor, trazendo o seu saber urbano para trocar com o feirante, enquanto este oferece um saber forjado no contato com a natureza e na dinâmica dos processos naturais de produção” (GODOY; ANJOS, 2007, p.367).

A feira livre é um ambiente comum a diversas cidades brasileiras e vem ganhando força frente aos agricultores que tem a feira como uma opção de escoar a produção e junto à população que cada vez mais se preocupa com a saúde e segurança e busca alimentos frescos e saudáveis, além de contribuir com a economia local.

Para reforçar a ideia que a feira oferece contribuição em vários sentidos para a população de consumidores, para os agricultores locais e para a economia local, o trabalho segue com alguns autores que ajudaram a compreensão do assunto.

No que se refere ao interesse dos consumidores nas feiras livres, ela se apresenta como uma alternativa de acesso a alimentos frescos, identificados com a região e adaptado aos hábitos locais, quanto a isso alguns autores dizem que

A busca por alimentos frescos, presumivelmente cultivados sem o uso, ou com uso menos intensivo, de defensivos agrícolas e preços mais acessíveis são os atrativos que levam muitos consumidores a preferirem as feiras livres aos mercados tradicionais (ROCHA et al., 2010).

Ainda sobre a relação dos consumidores com a feira, mais precisamente sobre as mudanças nos hábitos de consumo e sua relação com as feiras, vê-se que

“A despeito das novas pautas de consumo padronizadas, influenciadas pelos movimentos da globalização, e da grande disponibilidade e facilidade dos alimentos industrializados, os alimentos *in natura*, oferecidos na feira, uma vez que se associam aos valores artesanais, são reconhecidos como alimentos de qualidade única” (PIERRI; VALENTE, 2010, p.15).

Quanto aos agricultores locais sustentando-se na ideia de Wanderley (2003), em que o agricultor familiar não é passivo diante das forças exercidas sobre ele no meio rural e que ele constrói sua força por meio da experiência e vivência adquirida de modo a se adaptar à sociedade moderna. Nesse sentido, a comercialização da produção familiar em canais curtos por meio de feira livre se apresenta como uma estratégia de inserção no mercado que se enquadra na ideia de lidar com as forças que pressionam o agricultor familiar, principalmente na comercialização, por meio da força da história e identificação regional da agricultura familiar.

Sendo assim, os agricultores têm na feira uma oportunidade de acesso ao mercado em melhores condições de venda da produção com margens maiores e formas de pagamento mais atrativas, visto que

“A escolha do canal de distribuição para a venda dos produtos, pelos agricultores familiares, passa a ser um dos principais elementos da estratégia de comercialização. Dentre os canais de distribuição disponíveis as feiras livres têm ganhado destaque para a comercialização de produtos provenientes da agricultura familiar, em relação ao varejo tradicional por apresentar uma relação mais estreita com o consumidor e uma melhor rentabilidade dos produtos comercializados nesse canal” (COLLA et al., 2008, p.2).

Ainda neste sentido, além de melhores condições de venda da produção as feiras livres possibilitam também que os agricultores coloquem seus produtos no mercado com exigências menores se comparado aos mercados tradicionais. Nesta lógica,

“as feiras apresentam-se como canal de distribuição importante por, viabilizar a comercialização direta entre consumidores e produtores (tanto da agricultura familiar ou da agricultura peri urbana) e por tornar possível a distribuição sem exigir de regularidade de oferta e padronização dos produtos impostas por outras instituições de comercialização como o varejo tradicional” (COSTA et al., 2012, p. 3).

Com base nas discussões anteriormente expostas pode-se considerar que diversas esferas da sociedade são beneficiadas com as feiras livres, como reforça Ribeiro et al (2005, p.6)

os produtores ganham porque garantem a comercialização da produção, que de outra forma seria difícil nessas economias de pouca liquidez. Os consumidores ganham porque têm garantido um abastecimento regular, de qualidade e, principalmente, adaptado aos seus hábitos alimentares. Ganham os comerciantes. Assim que acabam de vender seus produtos, os feirantes vão ao comércio e adquirem bens de consumo: sapatos, roupas, óleo, sabão, macarrão.

A partir das discussões apresentadas, nos conhecimentos das relações comerciais das feiras livres e valendo-se da questão onde “a comercialização de excedentes da agricultura familiar em mercados periódicos é a principal atividade responsável pelo grande movimento econômico de pequenas cidades em determinados dias da semana” (BARRETO et al., 2015, p. 53). Supõe-se que as feiras e suas relações de consumo são capazes de impulsionar a economia local com a produção, venda e consumo dos produtos da agricultura dentro das cidades ou regiões, mesmo que não se configure como um ambiente estritamente de relações mercantis.

Assim, as feiras livres podem representar uma alternativa para melhoria de renda e qualidade de vida dos agricultores envolvidos. Também facilitando o acesso a alimentos frescos, saudáveis e identificados com os hábitos e cultura das populações locais. Além de impulsionar a economia local e ser um importante espaço de interação social.

3 METODOLOGIA

3.1 Delineamento e tipo de pesquisa

Para dar conta dos objetivos propostos neste trabalho desenvolveu-se uma pesquisa embasada em metodologias qualitativas, pois esta metodologia pode ser vista como o caminho percorrido pelo pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade concreta que queremos investigar (MINAYO, 2010).

Para a mesma autora, a pesquisa qualitativa permite avaliar o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que cada sujeito traz em si e compreender que estes correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1996).

Neste sentido, recorreu-se à pesquisa de campo para melhor conhecer nosso objeto de estudo, pois a mesma permite uma maior interação entre o objeto e o pesquisador e ainda garante ao segundo a possibilidade de observar atentamente o primeiro. Além disso, válida a imersão do pesquisador nos espaços em que seu objeto está. Como afirma Spink, 2003, p.21,

A pesquisa de campo se referia à observação e à interação com as pessoas “no seu habitat”, no lugar específico da ação fora das paredes do laboratório. Era um campo que existia num “lugar” e quando o pesquisador não estava “no lugar”, também não estava “no campo”. O “campo” portanto era onde o pesquisador ia para fazer seus estudos (aspas no original).

Diante desta compreensão de pesquisa, segue-se com unidade de análise, objeto de estudo e técnicas de coleta de dados.

3.2 Unidade de Análise e Objeto de estudo

O universo de estudo é agricultura familiar na feira livre comunitária do município de Dom Pedrito, município situado na região da Campanha gaúcha com aproximadamente 39.000 habitantes. O município de Dom Pedrito tem extensão aproximada de 5000 km² com a predominância de área rural, porém é na zona urbana que residem aproximadamente 35.000 dos 39.000 habitantes do município (IBGE, 2010).

A zona rural do município é marcada por grandes distâncias entre propriedades que não favorecem a formação de comunidades rurais e refletem a realidade da maioria da população viver nas zonas urbanas. Além desta situação, tem a predominância das cadeias de comercialização em longas distâncias e impessoais que não favorecem a proximidade dos agricultores locais e seus produtos com a população. Dentro desta realidade do rural no município de Dom Pedrito estão inseridas também diversas propriedades de base familiar com diferentes alternativas de escoamento de seus produtos e acesso ao mercado. Uma das alternativas de escoamento da produção familiar é a comercialização em canais curtos, mais próximos do consumidor final como é o caso da feira livre comunitária de Dom Pedrito.

Neste sentido, o interesse recai em conhecer um pouco mais o universo plural da agricultura familiar presente na feira livre comunitária de Dom Pedrito. Para

isto, entrevistaram-se quatorze feirantes escolhidos pelo critério de maior assiduidade na feira, em seguida foram selecionados entre os quatorze entrevistados os que se enquadravam no critério adotado pelo presente trabalho para a definição de agricultura familiar. Assim, foram selecionados nove agricultores familiares integrados a feira livre comunitária de Dom Pedrito para a utilização das entrevistas.

3.3 Estratégias de coleta de dados

Para imersão a campo foram usadas algumas técnicas de pesquisa que sustentaram as pretensões científicas deste trabalho.

A coleta de dados primários deu-se através de entrevistas em profundidade e observação com visita a feira e aplicação da entrevista no ambiente da feira. Utilizou-se nas entrevistas um roteiro de questões semiestruturadas. O roteiro foi escrito previamente e conta com questões que permitem imergir nos temas explorados a fim de dar conta dos objetivos propostos. Lançou-se mão de questões abertas e fechadas que possibilitou a coleta de dados objetivos e subjetivos expressos em suas falas, pois através desta técnica pode-se apreender informações presentes nestas. Como afirma Cruz Neto (1996), a entrevista não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa, que vivenciaram uma determinada realidade que está sendo focalizada. Para garantir a riqueza de detalhes contidas nas entrevistas recorreremos ao uso do gravador (QUEIROZ, 1991).

Além das entrevistas, utilizou-se a observação não participante como fonte de compreensão do universo de estudo, que se apresentou como algo essencial para materializar o estudo. Como afirma Godoy (1995, p. 27), “quando observamos, estamos procurando apreender aparências, eventos e/ ou comportamentos”.

A aproximação dos feirantes se deu através de conversas em visitas a feira livre desde o mês de outubro de 2016 quando se iniciou o projeto teórico deste trabalho, essas visitas serviram de base para estruturação do roteiro de entrevista e para um conhecimento prévio da feira e dos feirantes.

A partir do roteiro semiestruturado foram feitas visitas a feira livre comunitária de Dom Pedrito entre o final do mês de abril e o mês de maio a fim de fazer as

entrevistas com os feirantes no próprio ambiente que despertou o interesse para realização da pesquisa.

As entrevistas foram feitas com os feirantes que estavam expondo na feira com maior assiduidade desde as primeiras visitas a feira no mês de outubro de 2016. Foram entrevistados quatorze feirantes entre os mais assíduos e logo após selecionados os que eram de fato agricultores e se enquadravam na definição de agricultura familiar proposta por este trabalho. A partir deste critério foram selecionados nove feirantes como os agricultores familiares a serem estudados, os 5 demais que não são agricultores, são apenas feirantes, não foram empregados na análise das dinâmicas da agricultura familiar na feira livre em Dom Pedrito, mas foram de grande importância na compreensão da feira como ambiente de relações pessoais econômicas e culturais. As entrevistas foram todas gravadas, com tempo de duração entre 10 e 20 minutos.

E por fim, para encorpar o entendimento sobre a feira, foi feita uma visita a Associação Riograndense de Empreendimentos e Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/RS) em Dom Pedrito e a Secretaria de Agricultura do município a fim de conhecer as regras e exigências para o acesso e a comercialização de produtos agropecuários na feira livre comunitária de Dom Pedrito.

3.4 Tratamento e análise dos dados

A análise das informações coletadas deu-se por meio da audição das gravações das entrevistas realizadas na feira, utilizando a técnica de análise de discurso, valendo-se da ideia de que o “processo de análise discursiva tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação; podem ser entrecruzadas com séries textuais (orais ou escritas) ou imagens (fotografias) ou linguagem corporal” (CAREGNATO; MUTTI, 2006 p.680).

Com base em impressões e observações nos momentos vivenciados nas entrevistas e em conversas ocorridas na feira na situação de consumidor ou de pesquisador e por meio da audição das gravações das entrevistas repetidas vezes que se deu a interpretação das informações obtidas nas entrevistas a fim de alcançar os objetivos propostos neste trabalho.

4 RESULTADOS

4.1 A feira livre comunitária de Dom Pedrito

A feira livre comunitária de Dom Pedrito teve início no mês de fevereiro de 2015 e ocorre na manhã das sextas-feiras na praça General Osório, principal praça da cidade, a feira fica localizada na rua ao lado da praça onde os feirantes encostam seus automóveis e montam barracas para expor seus produtos. Ocorre também as terças-feiras a feira livre em frente a Unipampa – Campus Dom Pedrito, edição essa que tem um movimento bem reduzido e onde não identificou-se a presença dos agricultores entrevistados expondo seus produtos. A edição de terça conta com cerca de 3 a 4 bancas e é difícil ter a presença de agricultores nessa edição.

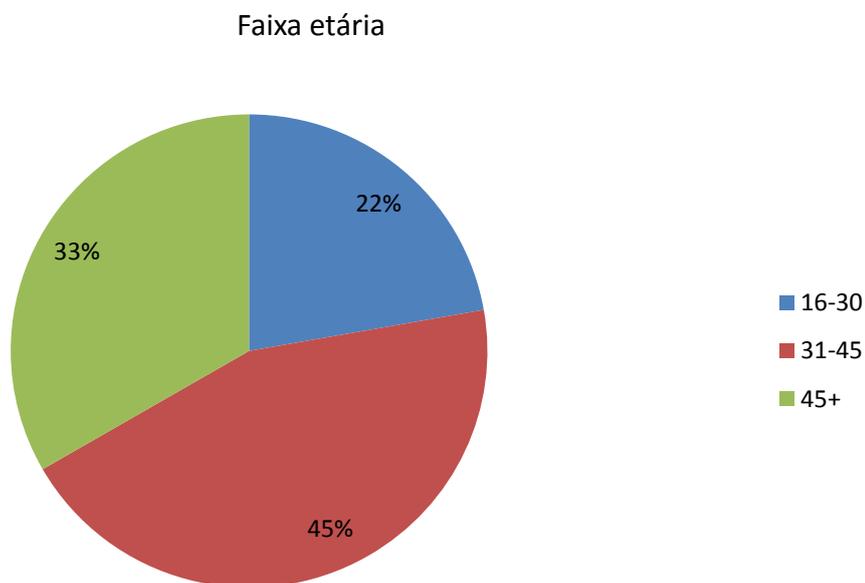
Hoje, 2017, a feira conta com algo em torno de 30 feirantes que expõem seus produtos, entre eles podem-se identificar diversos feirantes que não são agricultores, no entanto este trabalho é voltado para as dinâmicas da agricultura familiar. Por isso foram selecionados para as discussões nove agricultores familiares/feirantes entre os mais assíduos e que se enquadravam na concepção de agricultura familiar adotada por este trabalho.

O acesso à feira por parte dos agricultores se dá por meio da Emater, os requisitos exigidos para acessar a feira variam conforme o produto que vai ser comercializado, para produtos de origem animal é exigido uma avaliação de um veterinário junto à Secretaria de Agricultura do município. Para alimentos mais elaborados como pães e doces é exigido um curso de boas práticas de fabricação e os que pretendem comercializar hortaliças basta cadastrar-se e já tem autorização para expor na feira.

4.2. Conhecendo os protagonistas da Feira Livre comunitária de Dom Pedrito

A partir das entrevistas realizadas no espaço da feira livre comunitária de Dom Pedrito com nove agricultores familiares que fazem parte da feira livre foi possível identificar algumas características pessoais desses feirantes que estão representadas em alguns gráficos na sequência.

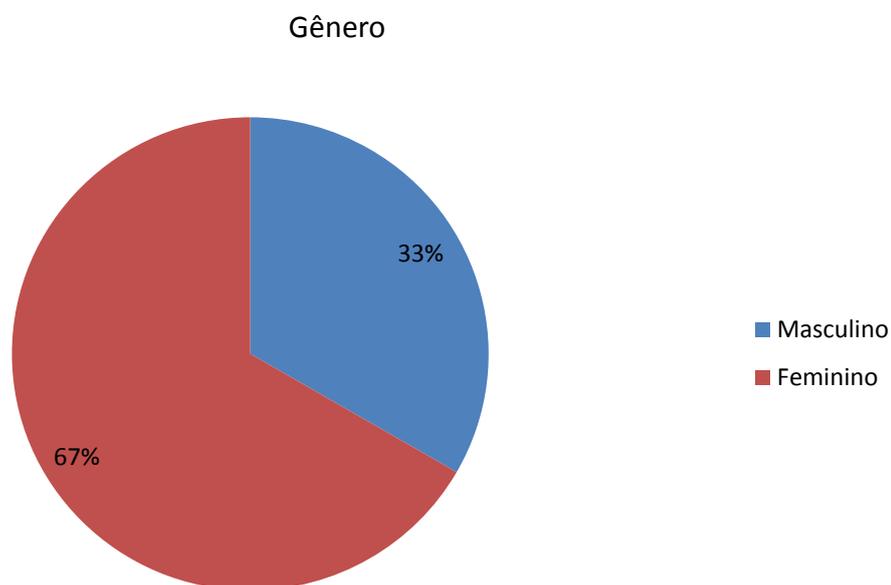
Gráfico 1- Faixa etária dos feirantes entrevistados.



Fonte: Pesquisa de campo abril/ maio 2017.

A respeito da faixa etária dos entrevistados observou-se que a maioria dos entrevistados tinham entre 31 e 45 anos, porém vale destacar que o entrevistado mais jovem tinha 17 anos e o mais velho 67 anos de idade, o que foi de grande importância para entendimento da importância da feira a partir de visões de mundo distintas. Como pode ser observado no gráfico 1.

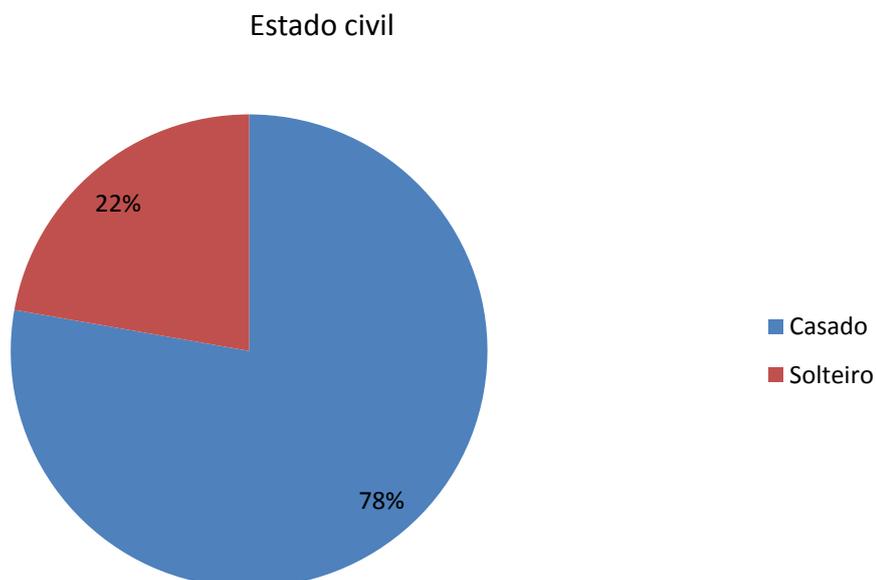
Gráfico 2- Gênero dos feirantes entrevistados.



Fonte: Pesquisa de campo abril/ maio 2017.

Quanto ao gênero dos entrevistados observou-se a predominância de mulheres nas bancas das feiras e apenas uma delas trabalhava em outra atividade. Conforme o gráfico com as informações do gênero dos entrevistados. O que está alinhada a ideia de que é crescente o número de mulheres à frente das atividades agrícolas. Conforme demonstra o gráfico 2.

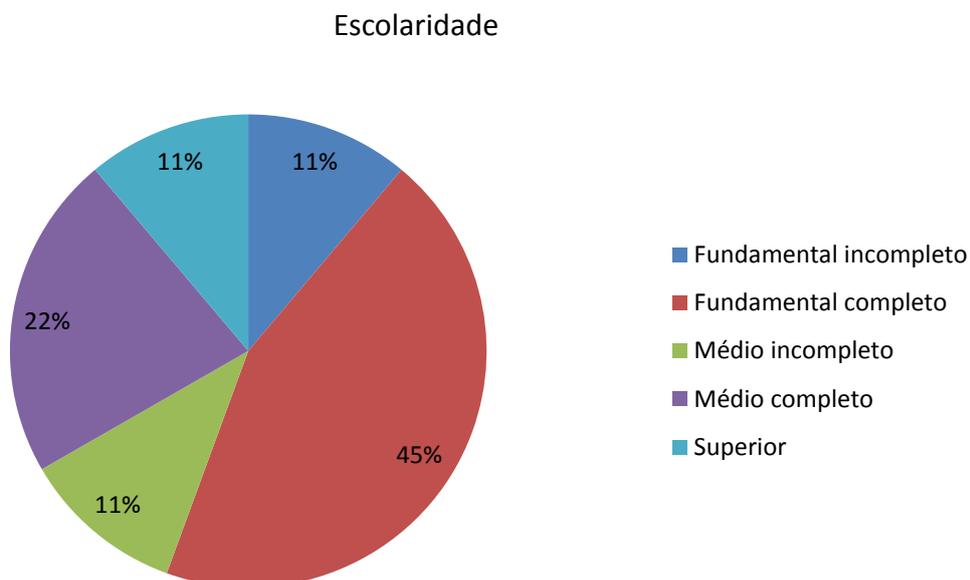
Gráfico 3- Estado Civil dos feirantes entrevistados.



Fonte: Pesquisa de campo abril/ maio 2017.

Pode-se notar a predominância de casados entre os entrevistados, conforme o gráfico 3. Entre as seis mulheres entrevistadas apenas uma, a entrevistada mais jovem, respondeu estado civil como solteira e entre os três homens entrevistados também apenas um respondeu solteiro, os demais são todos casados. Pode-se notar também que dois entrevistados têm filhos que não trabalham pois são crianças que vivem com a família na zona rural, em outras três situações os filhos e pais vivem e trabalham nas atividades de agricultura e de feira, um dos entrevistados vive sozinho e outros três vivem apenas um casal em suas residências e os filhos vivem fora. Pode se notar que nos três casos que os filhos e pais trabalham juntos os filhos tem menos de trinta anos, o que sugere até o momento que a haverá sucessão familiar para a próxima geração. Já os três casos em que os filhos não moram mais com a família na zona rural a sucessão familiar é uma preocupação desses agricultores, pois nos três casos são casais acima dos quarenta anos e que os filhos estudam fora ou atuam em outras atividades.

Gráfico 4- Escolaridade dos feirantes entrevistados.



Fonte: Pesquisa de campo abril/ maio 2017.

Com relação à escolaridade dos feirantes apenas três completaram o ensino médio, entre esses um possui curso superior, outro ingressou no ensino médio e não concluiu e os cinco restantes nunca ingressaram no ensino médio, conforme indica o gráfico 4 da escolaridade. Apesar de apenas um entrevistado apresentar curso superior completo em alguns casos os filhos dos feirantes têm curso superior completo ou estão cursando, o que pode ser visto como uma evolução no acesso à educação superior nas gerações mais jovens no meio rural e é motivo de satisfação e orgulho para os pais, refletindo assim também na qualidade de vida.

4.2.1 Ocupação, mão-de-obra e composição familiar dos feirantes

Identificou-se que os entrevistados ocupam funções diferentes nas atividades e na composição familiar, no entanto todos trabalham de alguma maneira nas atividades que envolvem a feira já que foram entrevistados nessa função, dos nove entrevistados apenas uma não trabalha na produção, é parte da família e trabalha apenas na feira as sextas e como professora ao longo da semana. Os demais todos trabalham tanto na produção quanto na feira. O quadro 1 traz de maneira mais geral a composição e mão-de-obra das famílias dos entrevistados.

Quadro 1 - Composição e mão-de-obra familiar.

Entrevistados	Pessoas morando em casa	Pessoas que trabalham na produção	Pessoas que trabalham na feira
I	2	2 + 1 ajudante	2
II	2	2	2
III	3	2	2
IV	1	1 + 1 ajudante	1
V	2	1	2
VI	4	4	2
VII	3	2	2
VIII	3	3	3
IX	3	2	2

Fonte: Pesquisa de campo abril/ maio 2017.

A partir da aproximação e entrevista com os feirantes observou-se composições familiares diferentes, os entrevistados I e II ambos são casados e trabalham juntos nas atividades de produção e feira, os entrevistados III e IX são casados, trabalham juntos e têm filhos criança, o entrevistado IV vive sozinho e produz com o auxílio de um ajudante para venda na feira e no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), o entrevistado V tem duas pessoas em casa um trabalha na produção agrícola e outro trabalha como professora, mas os dois trabalham na banca da feira, a entrevistada VI vive com o marido e os pais onde todos trabalham na produção de hortaliças para e feira e na pecuária, mas somente a entrevistada e o pai que trabalham na feira, a entrevistada VII foi a mais jovem, 17 anos, vive e trabalha com os pais na zona rural bem próximo a propriedade dos avós que contribuem com produtos que são comercializados na feira e a entrevistada VIII vive em um assentamento rural com o marido e o filho onde todos trabalham na produção, o marido e o filho voltados mais a horta e ao trato dos animais e a entrevistada mais voltada para produção de queijos e além disso os três trabalham expondo na feira, porém a entrevistada é quem vai com maior frequência. Sobre a mão de obra familiar empregada nas atividades de produção e feira pode-se compreender melhor por meio do quadro 1.

Entre os nove entrevistados apenas o entrevistado IV mora em uma zona peri urbana, os demais moram na zona rural do município de Dom Pedrito. Pode se

destacar também que o entrevistado II possui residência na cidade onde frequenta eventualmente e onde moram os filhos. Sete dos nove são proprietários de suas áreas, um é assentado e o entrevistado IX que não tem propriedade rural utiliza parte da área de outra propriedade, 34 hectares onde a família cria gado leiteiro para a produção dos queijos vendidos na feira e local onde vivem. As características do local onde vivem os entrevistados podem ser melhor compreendidas em seguida no quadro 2.

Quadro 2 - Características do local onde vivem os feirantes entrevistados.

Feirantes	Residência em zona rural ou urbana	Possui propriedade rural	Tamanho da propriedade	Localidade da propriedade
I	Rural	Sim	6 ha	Parada Freitas
II	Rural	Sim	40 ha	Passo dos salsos
III	Rural	Sim	5 ha	Lagoa do Forno
IV	Peri Urbana	Sim	1 ha	Mariano Camboim
V	Rural	Sim	3 ha	Serrinha
VI	Rural	Sim	87 ha	Sanga preta
VII	Rural	Sim	1 ha	Fontouras
VIII	Rural	Assentamento	14 ha	Ponche verde
IX	Rural	Não	34 ha	Upacaraí

Fonte: Pesquisa de campo abril/ maio 2017.

Com relação à área dos entrevistados nota-se que seis dos nove entrevistados trabalham em áreas menores que um módulo fiscal do município de Dom Pedrito. A respeito dos outros entrevistados que trabalham em áreas um pouco maiores tem o entrevistado IX que utiliza parte da área da propriedade onde trabalha e os entrevistados VI e II que tem outras atividades como sua principal atividade e a feira como uma atividade secundária, o entrevistado II tem como principal atividade a produção de uvas comercializadas com uma vinícola instalada na região e o entrevistado VI a atividade pecuária com criação de bovinos e ovinos.

Quanto a frequência que vão a feira, notou-se que os nove entrevistados vão todas as sextas feiras, no entanto nenhum deles leva seus produtos para expor nas terças feiras na edição que ocorre em frente a Unipampa, com as justificativas de pouco movimento e em três casos a terça feira é o dia que eles entregam alimentos as escolas pelo PNAE⁴ o que impossibilita a presença deles na feira de terça, além de um que alegou não conseguir ir a feira terça por conta da rotina de trabalho e por considerar que são as mesmas pessoas que frequentam.

4.2.2. Os feirantes antes da feira

Quanto ao destino de seus produtos antes da feira percebeu-se em diversas entrevistas que muito do que era produzido era perdido, dado aos animais ou distribuído entre vizinhos e amigos.

O relato de um entrevistado reflete um pouco dos destinos tomado pelo excedente de produção antes da feira, foi dito

“A muita coisa a gente jogava fora, porque... As frutas dava pros animais... Vendia mas muito pouco, ele vendia uva assim a fruta mas muito sobrava então fazia vinho e coisa, agora nós investimos mais no suco que sai mais”
(Entrevista I, Parada Freitas, 67 anos).

E no que diz respeito aos canais de comercialização utilizados antes do acesso a feira pode-se perceber algumas formas de comercialização demonstradas no quadro 3 adiante. O que representa a importância da diversificação de atividades e de canais de comercialização como estratégia de inserção nos mercados dos agricultores familiares entrevistados

⁴ O Programa Nacional de alimentação escolar consiste na transferência de recursos financeiros do Governo Federal, aos estados e municípios, para a aquisição de alimentos destinados à merenda escolar. A Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, determina que no mínimo 30% do valor repassado a estados e municípios para o PNAE deve ser utilizado na compra de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações. Apesar de considerar o PNAE uma das principais políticas públicas de fomento à agricultura familiar na atualidade este trabalho não se aprofundará neste tema.

Quadro 3 - Alternativas de mercado acessadas pelos entrevistados antes da feira.

	PNAE	Banca de rua	Outras feiras	Vendas particulares	Mercados locais	Venda para restaurantes	Outra renda
I				X			X
II				X			X
III	X	X	X		X		
IV	X	X			X		
V		X				X	
VI	X						X
VII	X	X		X			X
VIII	X			X	X		
IX				X			X

Fonte: Pesquisa de campo abril/ maio 2017.

Quanto ao que era comercializado, identificaram-se cinco feirantes entre os entrevistados que comercializavam seus produtos pelo PNAE antes da feira e permanecem acessando o programa após a entrada na feira. Todos os feirantes praticavam vendas particulares para conhecidos em alguma medida, porém no quadro 3 mostra assinalado apenas os que já tinham clientela e consideraram a venda particular como significativa.

Quanto à venda para mercados locais os entrevistados III e IV vendiam e ainda vendem quando disponíveis hortaliças para mercados locais e o entrevistado VIII vendia queijo para um pequeno mercado local na informalidade, após a entrada na feira o entrevistado teve a oportunidade de se regularizar.

E referente à presença dos entrevistados em outras feiras identificou-se somente um que já participou e participa ainda quando tem produto disponível de feiras no município de Bagé, quarta-feira, e em Santana do Livramento aos sábados.

O entrevistado III que atua em outras feiras também expõe seus produtos em bancas nas ruas do município de Dom Pedrito, além dele outros três feirantes também expõe na rua da cidade. O entrevistado V tem um ponto fixo de feira na cidade de segunda a sábado em frente ao mercado Nicolini, inclusive na sexta feira quando ocorre a feira, por isso nas sextas o casal se divide cada um em um ponto.

Já relativo a outras atividades exercidas pelos feirantes antes do acesso a feira identificou-se que o entrevistado VI trabalhava somente na pecuária

anteriormente e o entrevistado II com a produção e comercialização de uva para vinícolas, além de vendas particulares. Já o entrevistado I antes de se aposentar trabalhava como cabelereira na cidade e o marido na produção de uva.

Os feirantes hoje se mantem nas atividades que atuavam antes e tem ainda a feira livre comunitária as sextas-feiras como fonte de renda. A feira representou para os agricultores envolvidos uma fonte de renda a mais que em alguns casos se tornou a principal fonte de renda da família, o que será demonstrado mais adiante.

4.3 Motivação para acessar a feira

Com relação a como conheceram a feira livre comunitária de Dom Pedrito constatou-se que todos os feirantes entrevistados conheceram por meio de um convite da Emater para participar da feira, alguns antes mesmo do início para reuniões onde se discutiu dia e local para a feira. Entre os nove entrevistados oito fazem parte da feira desde o início, em fevereiro de 2015, apenas um entrevistado não está desde o começo, mas faz parte da feira desde maio de 2015, ingressou 3 meses após o início das atividades da feira.

Quanto ao interesse em levar os produtos para a feira identificou-se nas entrevistas diversos relatos apontando para a feira como uma oportunidade de uma renda a mais para os agricultores. Nesse sentido, identificou-se quando questionado sobre o que despertou o interesse em levar os produtos a feira os seguintes relatos expostos no quadro 4.

Quadro 4 - Trechos das entrevistas que relatam motivos para os agricultores entrevistados acessarem a feira.

“A parte financeira né que colabora com os gastos da família né” (Entrevista I, Parada Freitas, 67 anos).
“Mais uma venda né, complementa um pouco mais... Coisa que sobrava lá ia fora e aí a gente aumentou um pouquinho mais, aproveita mais” (Entrevista VI, Sanga Preta, 27 anos).
“Porque era uma forma de renda para nós né, a gente trabalha tipo autônomo, de feira e era melhor pra nós era uma renda boa pra gente trazer o produto pra cidade vender, tem público né” (Entrevista VII, Fontouras, 17 anos).
“Renda. Aumento da renda na pequena propriedade que daí tu vai vender direto” (Entrevista VIII, Ponche Verde, 44 anos).

Fonte: Pesquisa de campo abril/ maio 2017.

Ainda sobre o que despertou o interesse em acessar a feira destacou-se outras justificativas, como a da entrevistada II que é “Para mostrar pra um número maior de pessoas, ampliar né. (Entrevista II, Passo dos salsos, 47 anos). E o relato do entrevistado III que aponta o interesse para “A união, a parceira aí de todos... e oferecer um produto de boa qualidade direto com o consumidor né daí todo mundo sai ganhando” (Entrevista III, Lagoa do Forno, 35 anos).

O entrevistado IX relatou não ter interesse quando recebeu o convite para participar da feira, mas foi incentivado por extensionistas, iniciou e permaneceu na feira. Sobre isso foi dito

[...]”até de início a gente não queria vir porque a gente já tinha clientela, daí o seu Valnei insistiu um pouquinho e a gente acabou vindo, e aí a gente gostou porque é muito mais prático e fácil”(Entrevista IX, Upacaraí, 35 anos).

Foi muito presente nas respostas o fator econômico como fator de interesse para acessar a feira, mesmo assim todos os entrevistados em diversos momentos relatavam que a feira era um importante ambiente de convívio e amizade para eles, além de ser fonte de renda. O que está expresso em falas como as seguintes

[...]”aqui mesmo na feira mesmo os próprios feirantes são meus clientes como eu sou deles também” (Entrevista III, Lagoa do Forno, 35 anos).

[...]”e aqui mesmo os colegas são do ramo da gente né, a gente se entende, a gente troca semente, a gente troca muda, toca experiência, troca tudo”(Entrevista II, Passo dos Salsos, 47 anos).

Relativo à aceitação do público aos produtos expostos na feira foi unanimidade, todos os entrevistados responderam que a aceitação é boa, inclusive afirmam já ter uma clientela fiel que frequenta a feira atrás dos produtos que já conhecem, alguns entrevistados dizem até saber quem vai querer o que na sexta-feira. Nenhum deles relatou problemas com produtos que levaram e não teve saída, os entrevistados se mostraram bastante satisfeitos com a saída de seus produtos. Pode-se observar essa satisfação nos seguintes trechos das entrevistas expostos no quadro 5.

Quadro 5 - Trechos das entrevistas sobre a aceitação dos produtos vendidos.

“É muito boa, muito boa, tudo que eu faço o pessoal leva” (Entrevista I, Parada Freitas).
“É bem bom, é bem bom o pessoal compra uma vez e vem buscar mais (Entrevista VI, Sanga Preta, 27 anos).
“A gente cria uma freguesia fiel né que é do ano passado já conhece, já não... já vem direto, a gente cria um vínculo né... isso dá uma satisfação pra gente” (Entrevista II Passo dos salsos, 47 anos).
“ba acho que essa é a melhor parte, o pessoal já tem uma confiança com nós já de anos, principalmente no tomate que é uma coisa que vai muito veneno por ai ne e a gente consegue produzir um tomate mais natural né, pode ver que ele não é tão bonito mas o sabor dele é outro, não tem igual” (Entrevista III, Lagoa do Forno, 35 anos).

Fonte: Pesquisa de campo abril/ maio 2017.

Os feirantes entrevistados se mostraram satisfeitos com os resultados que a feira trouxe em pouco mais de dois anos e quando questionados sobre a expectativa de futuro da feira as respostas apontaram para uma boa perspectiva de continuidade apesar de relatarem que alguns feirantes saíram da feira desde o seu início. Notou-se ainda algumas considerações dos feirantes sobre o que no ponto de vista de cada um faz falta e poderia tornar a feira mais atrativa. Em seguida, o quadro 6 traz algumas falas que representam as expectativas dos entrevistados com a feira.

Quadro 6 - Trechos das entrevistas relativos a expectativa dos entrevistados quanto ao futuro da feira livre em Dom Pedrito.

“Pra nós tá indo bem, a tendência eu acho que é crescer... porque mercado tem o pessoal vem com frequência”(Entrevista VII, Fontouras, 17 anos)
“Olha seria bom que continuasse né mas tem muita gente desistindo, aqui tava tudo cheio já tem espaços e então muita gente tá desistindo mas é um negócio muito bom a feira” (Entrevista I, Parada Freitas, 67 anos).
“A turma que ficou eu acredito que vai embora, que nos era bem mais ne mas só que uns não aguentaram o tirão e abandonaram... os que ficaram eu acredito que vai firme” (Entrevista III, Lagoa do Forno, 35 anos).
“Acho que vai bem, vem firme, já acho que tá ficando uma tradição assim da sexta feira o pessoal vir” (Entrevista V, Serrinha, 54 anos).
“Quem tá aqui tá enraizado... deveria ter mais pessoal e mais variação de produto” (Entrevista IX, Upacarái, 35 anos)
“Eu acho que tinha que ter mais, mais movimento assim mais gente expondo porque daí chamava mais público né ia ter mais diversidade, mas eu acho que tá bom” (Entrevista VIII, Ponche Verde, 44 anos).

Fonte: Pesquisa de campo abril/ maio 2017.

Os feirantes entrevistados apresentaram uma boa perspectiva da feira até o momento da entrevista e também boa expectativa para o futuro apesar de algumas considerações. A feira livre comunitária de Dom Pedrito conta com diversos produtos produzidos por agricultores familiares do município, no capítulo que segue está contido os produtos identificados nesta pesquisa expostos na feira pelos nove agricultores familiar feirantes entrevistados.

4.4 Caracterização dos produtos da agricultura familiar na feira livre comunitária de Dom Pedrito

Quando questionados sobre os produtos que vendem oito entrevistados afirmaram trazer produtos diferentes conforme a oferta de produtos nas épocas do ano, o que nota-se na fala do entrevistado III, “eu é mais por safra, eu não tenho aquilo o ano todo entende, tal coisa o ano todo” (Entrevista III, Lagoa do Forno, 35 anos). Foi identificada uma variedade interessante de produtos, no entanto notou-se um destaque na frequência de oferta de hortaliças, principalmente folhosas, e diversos outros produtos conforme a temporada, o que mostra a tabela 4 na sequência. Apenas o entrevistado IX trabalha quase somente com queijo e quando sobra tempo produz e leva a feira alguns outros produtos derivados do leite. Como ele afirma “É o queijo e alguma coisa. O queijo é certo e às vezes alguma outra coisa quando a gente tem tempo” (Entrevista IX, Upacaraí, 35 anos). E ainda há também os que buscam outras alternativas nas épocas mais escassas como o que vemos na fala desse entrevistado: “época que não tem muito faço cuca, faço bolachinha e verdura de horta a época que eu tenho eu trago também e vendo” (Entrevista II, Passo dos Salsos, 47 anos).

A seguir a quadro 7 traz os produtos comercializados pelo agricultores familiares entrevistados na feira livre comunitária de Dom Pedrito. O quadro seguinte traz os produtos identificados nas visitas a feira livre e relatados nas entrevistas, podendo assim haver produtos ofertados por estes agricultores na feira livre que não foram identificados nesta pesquisa.

Quadro 7 - Produtos comercializados pelos agricultores familiares entrevistados na feira livre comunitária de Dom Pedrito.

	Produtos	Adquirido de terceiros
I	Suco de uva, queijo, mel, figada, doce de uva, doce de moranga, conservas, laranja, bergamota, nozes, hortaliças excedentes. [...]"tudo que a gente colhe lá" (Entrevista I, Parada Freitas, 67 anos)	Mel
II	Principal: suco de uva e vinho. Batata doce, mandioca, feijão miúdo, feijão de vagem, couve, abobora, batata, mandioca, doce de batata e abobora, geleia de uva, conservas.	Conservas
III	Flor, morango, melão, melancia, tomate, milho, batata doce, mandioca, alface, rúcula, tempero verde.	
IV	Alface, couve, mostarda, rúcula, tempero verde, espinafre, morango, mandioca, laranja, bergamota.	Laranja e bergamota
V	Alface, rúcula, tempero verde, couve, mostarda, tomate, pimentão, batata doce, moganga, couve flor, brócolis.	
VI	Tempero verde, couve, rúcula, laranja, bergamota, batata, milho e queijo eventualmente.	
VII	Alface, couve, mostarda, tempero verde, verde rúcula, repolho, berinjela, brócolis, couve flor, batata doce, melão, tomate, beterraba, cenoura, rabanete.	
VIII	Queijo, leite, alface, batata, tempero verde, doces, biscoitos, hortaliças disponíveis.	
IX	Queijo, eventualmente leite, pão de queijo, manteiga, doce de leite.	

Fonte: Pesquisa de campo abril/ maio 2017.

Quanto à produção dos produtos comercializados identificou-se a grande maioria dos produtos produzidos pelos próprios feirantes, com algumas poucas exceções. Os produtos identificados como produzidos por terceiros estão em algumas situações particulares, para expressar essas situações segue no quadro 8 alguns trechos das entrevistas quando os entrevistados que tinham produtos produzidos por terceiros foram questionados sobre a origem de seus produtos. Portanto mesmo nos casos em que há compra de produtos de terceiros como no trecho da entrevista II no quadro 8 pode-se dizer que também é uma relação em circuito curto, já que neste caso um feirante compra o produto de outro feirante na própria feira.

Quadro 8 - Trechos das entrevistas que demonstram a origem dos produtos que não são de produção própria dos entrevistados.

<p>“Não, é tudo ali da chácara, o mel mesmo a gente não estila, mas demos o lugar pro senhor pôr as caixa ele estila e me dá uma parte, o suco nós fazemos, doce, conserva tudo eu faço, queijo também” (Entrevista I, Parada Freitas, 67 anos)</p>
<p>“Pra conserva eu compro alguma coisa porque não encaixa né, quando tu tem a vagem não tem a cenoura, não encaixa, nao consegue encaixar eu só consegui o pepino que é só né, ai e só dos meus... e cebola eu compro da guria que vende cebola daqui da feira e faço também” (Entrevista II, Passo dos Salsos, 47 anos)</p>
<p>“Laranja e bergamota eu trago la da mãe né, que é de ajuda né, eu trago pra fazer entrega nos colégios e já trago mais pra vender também” (entrevista IV, Mariano Camboim, 36 anos)</p>

Fonte: Pesquisa de campo abril/ maio 2017.

Como visto a grande maioria dos produtos são de produção das famílias, representando um novo canal de comercialização curto e direto que representa uma nova alternativa para os agricultores comercializarem sua produção. Por isso, em seguida está exposto alguns resultados e reflexões da ideia da feira como alternativa de acesso ao mercado e qualidade de vida.

4.5 A Feira como acesso ao mercado e qualidade de vida

4.5.1 Atividades dos feirantes

Os agricultores familiares/feirantes entrevistados mostraram-se inseridos em universo pluriativo, com a diversificação sendo umas das formas de ter maior segurança quanto a sua manutenção e como forma de alcançar melhores condições socioeconômicas.

Nesse contexto, a feira representa para os agricultores familiares que a integram uma alternativa de acesso ao mercado de maneira direta, possibilitando aos feirantes o contato direto com o consumidor o que facilita a percepção dos agricultores das exigências e preferencias dos consumidores e, sobretudo uma alternativa de maior rentabilidade em seus produtos por meio da venda direta. Sobre os meios de comercialização usados pelos feirantes entrevistados percebe-se que todos os entrevistados além da feira têm outras formas de renda ou acessam outros canais de comercialização como mostrou o quadro 3.

Após o início das atividades da feira livre comunitária em Dom Pedrito os agricultores entrevistados mantiveram suas atividades exercidas até então e a feira chegou como uma alternativa a mais de acesso ao mercado, representando a importância da diversificação de atividades como estratégia para manutenção e reprodução social desses agricultores familiares.

4.5.2. Principal atividade na formação da renda dos feirantes

A formação da renda dos agricultores vem de diversas atividades e canais de comercialização conforme visto anteriormente. Por isso, por meio deste trabalho buscou-se identificar qual a atividade de maior representatividade na formação da renda dos feirantes entrevistados.

Os entrevistados II e VI já exerciam as atividades que até hoje representam a principal fonte de renda da família e a feira livre se apresenta como uma alternativa a mais de acesso ao mercado. O entrevistado VI tem como principal atividade na formação da renda a pecuária, atividade já exercida a vários anos pela família, muito antes da existência da feira. Já o entrevistado II tem na comercialização de uvas para a vinícola Salton a sua principal fonte de renda, como se vê no seguinte trecho da entrevista:

[...]“nosso carro chefe é a plantação de uva que a gente vende a uva pra vinícola, vende pra salton, aquele é o nosso carro chefe eu trabalho ali também e tenho minha plantação de uva que faço suco e vendo a uva também, mas o nosso carro chefe lá é a uva de vinho e essas a aqui é o giro né que eu faço... semanal né... mas não é. Ajuda mas não é minha sobrevivência” (Entrevista II, Passo dos Salsos, 47 anos)

Os entrevistados III e V antes da existência da feira livre comunitária de Dom Pedrito já tinham em outras atividades de feira sua principal atividade na formação da renda da família e consideram a feira livre as sextas-feiras como uma oportunidade de um ponto a mais e um ponto bem movimentado, como vemos na fala do entrevistado V “pra nós foi um ponto a mais, mas também se não tivesse nós tínhamos lá, e as vezes lá nos vendemos até mais, a gente vende bem aqui mas lá” (Entrevista V, Serrinha, 54 anos). Portanto no caso dos entrevistados III e V as atividades de feira de uma maneira geral são as principais na formação da renda, porém a feira livre comunitária de Dom Pedrito ocorre apenas um dia na semana, por isso a feira de sexta-feira não é a que mais contribui na renda familiar, mas

possibilita uma alternativa a mais para vender os produtos que já produzem e incrementar a renda familiar.

O entrevistado VII afirmou que a feira é de grande importância para o escoamento da produção, mas o principal canal de comercialização e o que mais contribui com a renda é a venda para o PNAE, conforme a entrevistada “...nas escolas é mais, aqui na feira a gente traz um limite porque é vários que vendem ne, a gente traz um limite pra vender, já nas escolas sim nas escolas é mais” (Entrevista VII, Fontouras, 17 anos).

O entrevistado IV tem o PNAE como uma alternativa fundamental para a formação de sua renda, segundo ele o PNAE já foi o principal canal de comercialização, segundo ele “nos colégios no começo era o que mais dava ne mas agora como vai entrando mais gente... no começo era pouco produtor, conforme agora vai aumentando os produtor dá menos” (Entrevista IV, Mariano Camboim, 36 anos). No entanto o entrevistado relatou que a feira já é o principal canal de comercialização dele, muito próximo do retorno que tem com PNAE, mas ele acredita que a feira já seja mais lucrativa.

E quanto aos entrevistados I, VIII e IX os três disseram que a feira é o principal canal de comercialização de seus produtos e principal atividade na formação da renda da família. Nesses casos os entrevistados já trabalhavam com alguns produtos que comercializam na feira e ainda tiveram a oportunidade, por meio da feira, de negociar diversos outros produtos que produzem e antes não negociavam.

Para os entrevistados VIII e IX a feira representou um lugar para expor seus produtos e uma possibilidade de vender mais quantidade e variedade de produtos, como se vê no trecho “Ele vende igual, só que é diferente é que na feira o que ele vende no mês, tu vende em uma manhã... a feira é o mais lucrativo de tudo (Entrevista IX, Upacaraí, 35 anos)”. Já o entrevistado I tem como fonte de renda a aposentadoria do casal e a feira como as principais fontes de renda da família, quando questionado sobre qual a relevância da renda vinda da feira se comparada a aposentadoria, o entrevistado disse “Ah a feira me dá mais que a aposentadoria (risada) porque meu marido é um salário, eu um pouco mais porque eu pagava sobre dez e recebo dois só. É uma barbaridade né (Entrevista I, Parada Freitas, 67 anos)”.

Quanto às principais atividades na formação da renda da família dos feirantes entrevistados viu-se então que a feira com pouco mais de dois anos de existência já representa a principal fonte de renda de quatro dos nove agricultores familiares entrevistados. Por isso o capítulo que segue discutirá a importância da feira para os agricultores familiares a partir das entrevistas feitas na feira livre comunitária de Dom Pedrito.

4.5.3 A importância da feira para os feirantes

A partir dos resultados obtidos nas entrevistas é notável que a feira representa para os agricultores familiares envolvidos um importante canal de comercialização que possibilita o escoamento da produção familiar e uma alternativa de comercializar seus produtos com maior rentabilidade por meio da venda direta ao consumidor, além disso notou-se destaque nas falas para o ambiente de convívio que a feira proporciona, convívio dos feirantes entre si e dos feirantes com a população local.

A feira se mostrou de grande importância na vida financeira dos agricultores que a integram como foi visto anteriormente a feira representa a principal fonte de renda de quatro dos nove entrevistados e se mostra uma alternativa importante para os demais mesmo que não seja a principal atividade deles. Como no caso da entrevistada II que tem a feira como atividade secundária, mas de grande importância como expressa nos seguintes trechos

[...]“a gente tem que ter de tudo né... o ano passado mesmo perdemos a uva e a gente sobreviveu todo o ano, a feira ajudou... que daí vou fazendo outros produtos... a feira garante aquela sobrevivência da semana ali né faz o mercado paga as continhas dali” (Entrevista II, Passo dos Salsos, 47 anos).

“Aquele dinheiro girar todo mês, toda semana não girar uma vez por ano vender tua produção... então aquela renda semanal te ajuda a ir mantendo né, melhor do que tu passar o ano inteiro esperando a safra” (Entrevista II, Passo dos Salsos, 47 anos).

A contribuição econômica da feira é representativa como já discutido anteriormente, mas o que também ficou evidente é que a feira livre sexta-feira é algo significativo para os envolvidos, por gerar um ambiente de convívio que os agricultores entrevistados normalmente não têm, ambiente esse que conforme o

entrevistado VI “A gente conhece o pessoal ne, vai convivendo com outras pessoas ne, aprendendo a conviver. (Entrevista VI, Sanga Preta, 27 anos)

Essa questão fica muito evidente em alguns trechos de diversas entrevistas quando questionados sobre o que mais agradam eles na feira além de vender seus produtos, como indicam os trechos a seguir

“Eu moro praticamente na campanha, aqui eu já tenho minhas amizades e coisa, pra gente também faz parte ver os amigos tem uns que vem visitar essa convivência aqui pra nós é... O meu marido diz: “a agora gente ta melhorando a uva e coisa nem vai precisar mais da feira”. Não a feira eu preciso, eu preciso eu tenho que ir... eu tenho que ir porque eu tenho as colegas e tem os que vem e gente não sai muito de casa né” (Entrevista II, Passo dos Salsos, 47 anos)

“Ah convívio com as pessoas... assim tu dialogar com os outros tu tens mais um ne, se tu não tem a feira daí tu só vem pra cidade vai no mercado, vem da campanha vai no mercado e vai embora... aqui não aqui a gente cria amizade a gente conversa assim conhece muita gente, é um convívio assim ne” (Entrevista VIII, Ponche Verde, 44 anos).

Notou-se ainda que além do ambiente de convívio considerado de grande importância por todos o contato direto com o público também proporcionou aos agricultores ter o reconhecimento por parte do público da feira da qualidade de seus produtos, o que é considerado muito importante e satisfatório para eles que produzem seus próprios produtos para comercializar na cidade. Algumas falas podem reforçar essa ideia de satisfação dos feirantes devido ao reconhecimento, como as que seguem

“Olha eu... conversar com as pessoas e... conversar com as pessoas e o encontro com as pessoas... o dia que eu não venho eu sinto falta parece que tá faltando alguma coisa pra mim... e eu noto que as pessoas também se eu não venho todo mundo pergunta” (Entrevista V, Serrinha, 54 anos)

“O que agrada nós é o público né, a gente faz amizade aqui com as pessoas ne, e depois saindo daqui as pessoas também reconhecem a gente na rua ne e isso é importante também a amizade, convivência com as pessoas toda sexta, isso é bom também ... e o ambiente né que nós todos somos amigos, tudo ne, não tem desavença com nada” (Entrevista VII, Fontouras, 17 anos).

Portanto, o incremento na renda por parte da feira, a convivência que ela gera por meio dos encontros semanais com os companheiros feirantes, com os clientes e com a população da cidade de maneira geral, além de outras impressões positivas dos feirantes sobre a feira refletem de alguma maneira na qualidade de vida dos

mesmos. Os benefícios percebidos após as entrevistas e análise das informações obtidas junto aos entrevistados são variados e traduzem vantagens diversas percebidas pelos agricultores em suas vidas após a feira, como se percebe nas afirmações presentes no quadro 9 quando os entrevistados foram questionados sobre como a feira os auxilia.

Quadro 9 – Trechos das entrevistas que relatam contribuições da feira para os agricultores entrevistados.

<p>“De melhora? Melhora tua autoestima porque daí tu vende teu produto e tu tem o retorno que ta bom ne, o pessoal vem: ah tá bom, tá maravilhoso, eu adoro essas coisas assim melhora tua auto estima né porque daí tu tem o retorno... e o retorno financeiro também” (Entrevista VIII, Ponche Verde, 44 anos).</p>
<p>“O que melhorou pra nos foi a qualidade de vida ne por causa que a gente vindo aqui a gente tem uma renda melhor e a gente vive melhor ne... trabalhando aqui melhora a situação” (Entrevista VII, Fontouras, 17 anos)</p>
<p>“Eu acho que a gente fica mais espontâneo assim (risada), é porque antes a gente não convivia com tanta gente né” (Entrevista VI, Sanga Preta, 27 anos) ”.</p>
<p>“É da renda da feira me ajudou em bastante né, em tudo... pra tudo né. A saúde melhorou porque eu tô lá fora e a gente se alimenta com mais... com alimentos mais naturais, que não, sem química sem nada e... e porque aposentadoria é...(risada)”(Entrevista I, Parada Freitas, 67 anos).</p>
<p>“Além da qualidade de vida a facilidade da comercialização ne e tu não pagar nada ser gratuito e como vou te dizer... o contato com o povo direto isso ai é muito bom, a venda direta com o consumidor, tu poder explicar porque teu produto não é terminado igual ao da indústria, o que que precisa fazer... se a pessoa quer um queijo mais seco, mais verde” (Entrevista IX, Upacaraí, 35 anos)</p>

Fonte: Pesquisa de campo abril/ maio 2017.

A feira livre comunitária de Dom Pedrito com pouco mais de dois anos de existência já representa um canal de comercialização relevante para a manutenção dos gastos das famílias que a integram, incorporando mais renda que vem a refletir na qualidade de vida, além de propiciar um ambiente importante de troca de informações e de experiência na vida dos envolvidos, tanto feirantes como frequentadores e consumidores, e também é uma atividade que é valorizada pelos feirantes por ser além de seu trabalho um ambiente agradável, um momento de lazer que já faz parte de seus costumes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho buscou-se compreender melhor as dinâmicas sociais, econômicas e culturais que envolvem a feira livre comunitária de Dom Pedrito, sendo assim buscou-se identificar algumas características pessoais dos agricultores familiares que integram a feira e o que os motivou a acessá-la e a continuar fazendo parte, buscou-se identificar quais os produtos comercializados pelos agricultores entrevistados e qual a origem desses produtos, além de buscar compreender qual a relevância da feira na condição de vida dos agricultores familiares que a acessam como uma alternativa de acesso ao mercado.

Podem-se perceber características diferentes entre os agricultores familiares entrevistados, mas com a predominância de casais que atuam juntos nas atividades de produção e feira, em alguns casos pode-se notar a presença dos filhos trabalhando nas atividades de agricultura e feira, além de dois casos com a presença de ajudantes em momento de maior demanda de trabalho, um por trabalhar sozinho e outro por ser um casal de aposentados. Portanto foi possível entrevistar pessoas com características distintas exercendo diferentes funções na composição familiar, desde jovem que trabalha com os pais e avós até casais com idade avançada e até aposentados que tem na feira uma atividade que lhes permitem melhor renda e qualidade de vida.

Dentre os entrevistados pode-se identificar como já visto formações familiares diferentes, mas com algumas semelhanças nas atividades e modo de vida. Todos os entrevistados vivem na zona rural e exercem algum tipo de atividade na propriedade que já era feita antes da existência da feira livre comunitária de Dom Pedrito e comercializada em outros canais de comercialização, principalmente por meio do PNAE, de bancas nas ruas, mercados locais e na informalidade com clientes particulares. Nesse sentido, buscou-se compreender qual a motivação para esses agricultores acessarem a feira para expor seus produtos.

A respeito do modo como os agricultores conheceram a feira livre comunitária e resolveram acessá-la, todos eles conheceram através de um convite da Emater e pode-se notar que houve interesse por parte de praticamente todos os entrevistados, apenas um relatou não ter tido interesse inicialmente por já estar satisfeito com sua clientela, porém o mesmo relatou que após o incentivo de um extensionista iniciou e

não pretende parar, além disso, esse mesmo entrevistado que não demonstrou interesse inicialmente tem hoje na feira a principal atividade na formação da renda da família.

Quanto a motivação dos agricultores para acessar a feira livre comunitária pode-se notar maior frequência de respostas apontando para a ideia da feira como uma alternativa de incrementar a renda, porém é notável o reconhecimento dos agricultores envolvidos com relação ao contato mais próximo aos consumidores e o ambiente de convívio com a população da cidade que a feira proporciona como fator que motiva a permanência dos mesmos na feira.

Podem-se notar diversos produtos oferecidos pelos agricultores familiares entrevistados na feira livre de Dom Pedrito, todos de produção própria dos feirantes com algumas exceções de produtos oriundos de atividade de outros familiares em outra propriedade que colaboram com alguma coisa eventualmente, como visto na discussão dos resultados. A presença de hortaliças foi a mais destacada nas bancas dos agricultores entrevistados. O que se notou foi que a oferta de queijo pelos que trabalham com a atividade e a oferta de folhosas é, segundo os entrevistados, o que tem com maior frequência e os demais produtos variam conforme a época de cada um, foram identificados produtos como alface, rúcula, tomate, mostarda, couve, couve flor, brócolis, laranja, bergamota, batata, milho, batata doce, queijos, sucos, vinhos, biscoitos entre outros conforme a disponibilidade de cada um.

A feira livre comunitária de Dom Pedrito representa uma importante forma de escoamento da produção dos agricultores envolvidos, em quatro dos casos o principal canal, por isso a feira é fundamental na formação da renda familiar em todos os casos mesmo que não seja a principal fonte de renda. E, além de importante meio de escoar o que já se produzia ainda os possibilitou comercializar novos produtos por tratar-se de um canal curto de comercialização, com o contato direto com o consumidor, podendo assim melhor compreender suas exigências e preferências. Além de alternativa de escoamento e canal de comercialização que permite melhores condições de manutenção e reprodução para os agricultores familiares entrevistados, a feira é para os feirantes, consumidores e para a população da cidade de maneira geral um importante ambiente de socialização por permitir o contato semanal desses agricultores que residem na zona rural com os amigos, clientes, familiares e demais pessoas que vivem na zona urbana do

município de Dom Pedrito e com pessoas que estão na cidade nos dias em que ocorrem a feira livre. Portanto, esses e outros fatores contribuem diretamente para a manutenção dos gastos das famílias dos entrevistados e para promoção e melhoria das condições socioeconômicas dos agricultores familiares entrevistados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. P. de O.; MICHELOTTI, F. Estudo da comercialização da produção familiar do PA Palmares na feira municipal de Parauapebas. **Revista Agroecossistemas**, v. 1, n. 1, p. 10-10, 2009.

ALTAFIN, I. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Brasília: CDS/UnB, 2007.

ANJOS, F. S. dos; CALDAS, N. V.; HIRAI W. G. Agricultura familiar, desenvolvimento territorial e segurança alimentar: estudo de caso no estado do rio grande do sul. **Encontro de Economia Gaúcha**, 4, 2008, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/4-encontro-economia-gaucha/index.html>> Acesso em 15/11/2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARRETO, M. A.; GRAÇA, G. A.; SANTIAGO, C. R.; SANTIAGO, M. M. S.; OLIVEIRA, M. S. Diagnóstico e perfil dos agricultores familiares que comercializam os seus produtos agropecuários na feira de Nossa da Glória–SE. **Scientia Plena Jovem**, v. 4, n. 1, p. 50-56, 2015.

BOECHAT, P.T.V.; SANTOS, J.L. dos. **Feira livre: Dinâmica espaciais e relações identitárias**. Bahia: Universidade Estadual da Bahia – Campus V., 2009.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R.; Pesquisa Qualitativa: Análise De Discurso *Versus* Análise De Conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 679-684.

COLLA, C. STADUTO, J. A. R.; ROCHA JR., W. F. Da; RINALDI, R. N. Escolha da feira livre como canal de distribuição para produtos da agricultura familiar de Cascavel, estado do Paraná1. **Informações Econômicas**, SP, v.38, n.2, fev. 2008.

COSTA, S. M. A. L.; NASCIMENTO, K. R.; RAPASSI, R. A.; TARSITANO, M. A. A.; SANTANA, S. M. Comercialização dos produtos da agricultura familiar e o papel da feira como importante canal de distribuição. **V simpósio sobre reforma agrária e questões rurais**, 23 a 25 de agosto, políticas públicas e caminhos para o desenvolvimento, 2012. Disponível em:http://www.uniara.com.br/legado/nupedor/nupedor_2012/trabalhos/sessao_5/sesao_5A/03_Silvia_Costa.pdf> Acesso em:13/11/2016.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, p.51-65, 1996.

CÚPULA MUNDIAL DE ALIMENTAÇÃO. **Declaração de Roma Sobre a Segurança Alimentar Mundial & Plano de Ação da Cúpula Mundial da Alimentação**. Declaração de 13 – 17 de novembro Roma, 1996.

GIL R. Análise de Discurso. In: Bauer M. W., Gaskell G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3a ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 2002. p.244-70.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa, tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995

GODOY, W. I.. As Feiras Livres de Pelotas-RS: **Estudo Sobre a Dimensão Socioeconômica de um Sistema Local de Comercialização**. Tese de Doutorado. Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2005.

GODOY, W. I.; ANJOS, F. S. dos. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Rev. Bras. Agroecologia**, v.2, n.1, p. 364 – 368, fev. 2007.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Censo Demográfico, 2010** [online]. Disponível na internet via <https://cidades.ibge.gov.br/v4/municipio/430660>. Acesso em 11/11/2016.

MALUF R. S. **Ações Públicas Locais de Apoio à Produção de Alimentos e à Segurança Alimentar**. São Paulo-SP, Polis Papers: Polis Assessoria, Formação e Estudos em Políticas Sociais n.4, 43p.,1999. Disponível em: <<http://www.polis.org.br/uploads/844/844.pdf>>. Acesso em: 1/11/2016.

MAMAOT. **Estratégia para a Valorização da Produção Agrícola Local**. Relatório Final do Grupo de Trabalho GEVPAL. Ministério da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento do Território. Lisboa, 2013.

MICHELOTTI, F..; SOUZA, H de.; ALMEIDA, A. P. de O. Estratégias de Comercialização e Reprodução Camponesa no Sudeste Paraense: a participação do Assentamento Palmares II na Feira do Produtor Rural de Parauapebas/PA. **4º Encontro da rede de estudos rurais**, 2010.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 7-29.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PIERRI, M. C. Q. M.; VALENTE, A. L. E. F. A feira livre como canal de comercialização de produtos da agricultura familiar. In: **XLVIII Congresso da Sober**, 2010, Campo Grande. XLVIII Congresso da Sober, 2010.

QUEIROZ, M. I. P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991 – (Biblioteca básica de Ciências Sociais). Série 2. Textos; v.7.

RETIERE, M. I. H. **Agricultores inseridos em circuitos curtos de comercialização**: modalidades de venda e adaptações dos sistemas agrícolas. Dissertação (Mestrado em Ciências), Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2014.

RIBEIRO, E. M.; CASTRO, B. S. de; SILVESTRE, L. H.; CALIXTO, J. S.; ARAÚJO, D. P.; GALIZONI, F. M.; AYRES, E. B. Programa de apoio às feiras e à agricultura familiar no Jequitinhonha mineiro. **Agriculturas: experiências em agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 5-9, jun. 2005.

ROCHA, H. C.; COSTA, C.; CASTOLDI, F. L.; CECCHETTI, D.; CALVETE, E. de O.; LODI, B. dos. S. Perfil socioeconômico dos feirantes e consumidores da feira do produtor de Passo Fundo, RS. **Ciência Rural**. v. 40, n.12 p. 2593-2597, 2010.

SALES, A. P.; REZENDE, L. T.; SETTE, R. de S. Negócio feira livre: um estudo em um município de Minas Gerais. In: III Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, ANPAD, **Anais**. João Pessoa/PB, 2011.

SCHNEIDER, S. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v.18, n.51, 2003, p.99 – 121.

SCHNEIDER, S; NIEDERLE, P. A. Agricultura familiar e teoria social: a diversidade das formas familiares de produção na agricultura. **Savanas: desafios e estratégias para o equilíbrio entre sociedade, agronegócio e recursos naturais**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, p. 989-1014, 2008.

SPINK, P. **Pesquisa de campo em psicologia social**: uma perspectiva pós construcionista. *Psicologia e Sociedade*, p. 18-42, 2003.

TIBÉRIO, L.; BAPTISTA, A.; CRISTOVÃO, A. Sistemas Agroalimentares Locais e Comercialização em Circuitos Curtos de Proximidade. **Congresso de sistemas agroalimentares localizados** – Disponível em <<http://www.sra.pt/dica/index.php/comercio/diversos/368-sistemas-agroalimentares-locais-e-comercializacao-em-circuitos-curtos-de-proximidade-cont>> Acesso em: 12/11/2016.

UNICAFES. Fundação Banco Do Brasil; União Nacional Das Cooperativas Da Agricultura Familiar E Economia Solidária. **Estratégias de acesso a mercados para agricultura familiar**. Brasília, junho de 2013.

WANDERLEY, M. de N. B. **Agricultura familiar e campesinato**: rupturas e continuidade. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n.21, p. 42-61, out. 2003.

WILKINSON, J. **Mercados, redes e valores: o novo mundo da agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

APÊNDICE – Roteiro de entrevista



Universidade Federal do Pampa
Campus Dom Pedrito
Curso Superior de Tecnologia em Agronegócio
Agricultura Familiar e Cadeias Curtas – A Contribuição Socioeconômica da
Feira Livre Comunitária de Dom Pedrito

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data da entrevista: __/__/__

I. CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL

Nome:

Idade:

Gênero:

Escolaridade:

Estado civil:

Onde você reside (Município, zona urbana/rural):

Possui propriedade rural:

Tamanho da propriedade:

Quantas pessoas residem em sua casa:

Quais dos familiares trabalham na produção e na feira:

Frequência que vende na feira:

II. MOTIVAÇÃO PARA ACESSAR A FEIRA LIVRE

Como conheceu a feira livre comunitária no município?

De que modo acessou a feira livre comunitária?

Quanto tempo faz parte da feira?

Onde comercializava seus produtos antes?

Já participou ou participa de outra feira livre?

O que despertou o interesse em colocar seus produtos na feira?

Como foi a aceitação dos produtos na feira?

Qual sua ideia de futuro da feira?

III. CARACTERIZAÇÃO DOS PRODUTOS DA FEIRA E SUA ORIGEM

Os produtos comercializados na feira são de produção própria ou adquiridos de terceiros? Quais produtos revende? Quem fornece?

Quais produtos produz? E quais são comercializados na feira?

Produtos comercializados	Origem dos produtos

Quais são os outros canais de comercialização que você acessa?

IV. A FEIRA COMO ACESSO AO MERCADO E QUALIDADE DE VIDA

O senhor/ senhora só trabalha com a feira? Se não, quais são suas outras atividades que desempenha?

Qual a principal atividade na formação da renda da família?

O que além de vender seus produtos mais te agrada na feira?

Como a feira livre auxilia na manutenção dos gastos da família, acesso à saúde, educação e lazer? Como?